



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro
fechado de plástico — Envolvéme autorisé par les
PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RGN

6 de Dezembro de 1997 • Ano LIV — N.º 1402
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

Profetas do nosso tempo

SEMEAR, plantar para depois
colher, é tarefa que o Homem se
impôs ao longo dos séculos.

Mas se lançar a semente à terra ou
introduzir nela as plantas são momentos
de labor; colher os frutos é ocasião de
consolo e regalo.

Isto é uma constante em nossas Casas.
Faz parte do nosso viver, do nosso
educar, da nossa maneira de ser Obra
da Rua: Pai Américo não concebia uma
Casa do Gaiato sem uma quinta. A
natureza desintoxica, tonifica, forma o
Homem sadicamente.

A sementeira, porém, tem de ser feita
na mente para que o rapaz atinja a sua
plena maturidade.

A escola, a oficina são os campos nor-
mais da preparação do espírito para o
rapaz adquirir conhecimentos, arranjar
armas com as quais se vai defender no
futuro ou instrumentos com que poderá
mais facilmente ganhar o seu pão.

Contudo, a sementeira mais impor-
tante, e que nem sempre se faz na famí-
lia e na escola, é a que se realiza no
coração do Homem. Esta é a dos valores
tão arredados hoje da sociedade — a
Verdade, o Bem, a Justiça, o Amor.

São valores eternos com raízes pro-
fundas e que dão ao Homem a paz, a
alegria de viver e conviver e que geram
nele a harmonia de todo o seu ser.

Quando vejo alguns dos nossos doen-
tes tão amigos dos outros, tão dispo-
níveis, tão sinceros na dádiva de servi-
ços simples aos que mais deles carecem,
fico contente e encaro-os como verda-
deiros profetas do nosso tempo, em que
esses valores rareiam. A descoberta da
riqueza, que é o «simples» na sociedade
de hoje, está por fazer.

Assim como os campos são lugar
sagrado onde Deus, no silêncio, faz ger-
minar as sementes, produzir os frutos, o
campo de acção directa destes doentes é
igualmente lavra sagrada onde brotam
os frutos que deliciam quem os contem-
pla e os saboreia.

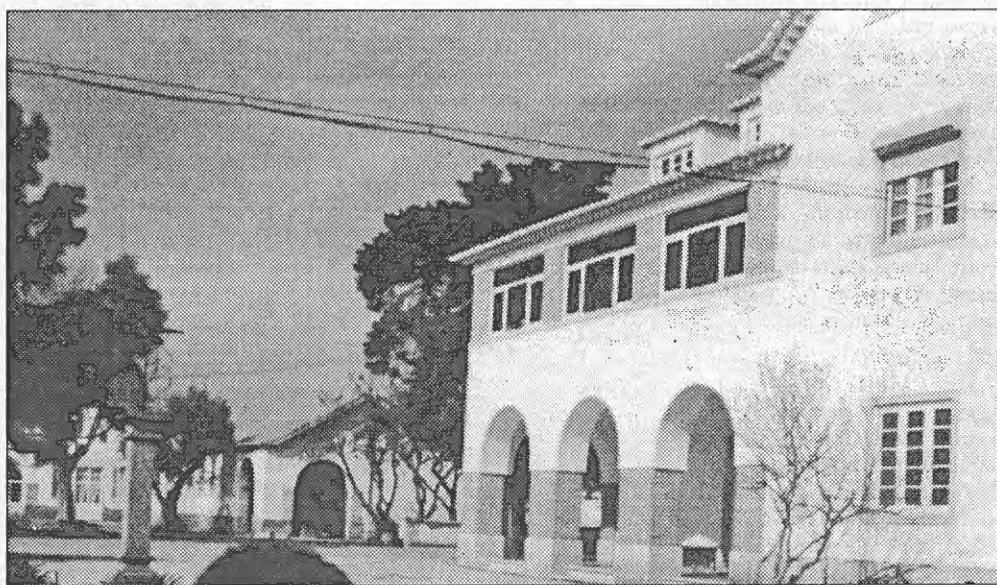
Quando o Artur faleceu, vi lágrimas
escorrerem na face de muitos colegas
seus. Eles eram realmente amigos! A
amizade existia. Não era coisa de super-
fície ou de ocasião. Vinha de dentro
como as lágrimas. Brotava do fundo de
cada um que chorava.

Continua na página 3

NO dia 4 de Janeiro de 1998 a Casa
do Gaiato de Lisboa celebra 50
anos de existência. Não fazendo
grandes festejos, não podemos deixar
passar a data em branco. Assim, teremos
às 15.30h uma concelebração presidida
pelo Sr. D. José Policarpo, Bispo Coadju-
tor de Lisboa a que se seguirá uma
merenda. Todos os amigos estão convida-
dos. Na nossa oração teremos oportuni-
dade de agradecer ao Pai todos os dons
que durante este tempo nos concedeu,
lembrar os mil «filhos» que nos foram
dados e os amigos que nos acompa-
nharam nesta aventura, não esquecendo
aquelas pessoas, padres, senhoras e
empregados que aqui deram suas vidas.
Precisamos de pedir uma maior con-
versão de nossas vidas ao serviço dos
pobres e necessitados. Temos necessidade
de pedir perdão por nem sempre sermos
fiéis e olhar por todos os rapazes que não
conseguimos colocar nos caminhos da
vida... Também lembraremos ao nosso
Deus as necessidades em vocações para
servir os nossos rapazes e pobres...

Padre Manuel Cristóvão

Cinquenta anos na vida da Casa do Gaiato de Lisboa



Malanje dia-a-dia

4/11/97

Vitamina C — aquelas rodela
que fervem na água e fica um sabor
doce e agradável.

Dei a um e logo, como um rasti-
lho, pegou em todos a dor do
peito...

Um encanto o vê-las ferver e gos-
toso ao beber!

Mesmo ao deitar, as pancadinhas no meu quarto dos
mais regulas que, dizem, tosse muito de noite. O último
falou: «Ainda tenho aqui...» apontando a garganta. Dei-lhe
um comprimido para chupar, olhou-me como se fosse cair a
torre — murmurando: «Aquele que ferve».

Poderoso, este milongo!

PASSO A PASSO

Construções gigantescas!

CONSTRUÇÕES gigantescas!
Decorações soberbas e pla-
nos de vista grandiosos.
Nada falta... Milhares de homens,
mulheres e crianças deambulam
extasiados com tudo o que os
envolve.

Dir-se-ia tratar-se de um enorme
brinquedo para adultos e crianças.
Uma cidade lúdica dentro da cidade
de todos os dias. Um espaço para
encher os olhos de quem os tem
vazios...

Depois, o regresso. Quantas vezes
carregando sacos cheios... de quê?

Matéria, mais matéria, com ou
sem qualquer utilidade, tantas vezes
para encher mais os contentores do
lixo que continuam a abarrotar.

Satisfez-se o apetite. Mas tudo
tem o seu prazo de validade... E a
cidade de encantar aí está, sempre
acolhedora, atraindo nos seus adorno-
s os insatisfeitos habitantes da
cidade dos homens.

A meretriz chama os malcasados.

O homem sempre teve o poder de
fazer uso da matéria para seu pro-
veito, ou não. Servir-se das coisas
para se encontrar. O bebé vai-se
descobrendo no contacto com as
coisas e com os outros. Com este
novo brinquedo que descobre o
homem de si mesmo? Decerto, que
está vazio. E que a satisfação rece-
bida não lhe mata a sede. E que,
repetida vezes sem conta a mesma
experiência, a conclusão é sempre
igual — a sede do homem é de vida
e não das coisas que embora para
ela contribuindo, não são vida.

As respostas que o homem adulto
procura, não as pode encontrar na
dissolução das coisas, antes na sua
construção. E mais quando elas vão
ser berço e mesa e casa e pão para
os seus semelhantes. Assim, serão
alimento para todos. Serão água
fresca matando a sede de gargantas
ressequidas.

6/11/97

Tem sido chuva, chuva! A sementeira de milho está ala-
gada. Os caminhos são poças de água e lama.

Hoje, a contrastar, uma manhã de sol!

No curral das vacas em cima duma frondosa copa verde,
as cegonhas brancas — carraceiras — parecem flores de neve.

Vieram de novo! Tínhamos já saudades destas ave-
zinhas quase domésticas que, noite e dia, acompanham o
gado: Esvoaçando, poisando e, à noite, como vigias nos
altos ramos verdes.

Estivemos quatro anos sem elas! Como nós, fugiram
aos sons da guerra. Aves de paz... Frágeis e sem carne
ninguém as persegue.

Asas brancas, libertas, batendo no ar!

Mais que asas e penas estas aves mansas são um sinal
de paz e de liberdade.

Reflectindo

O marco europeu, na cultura e educação destes povos,
será sempre e só um sinal de referência, nunca, porém, um
guia nem sequer uma luz.

O objectivo de todos os povos colonizadores foi a
exploração das riquezas. Renascente e como consequência
alguma cultura tecnológica ficou.

Nem sequer passou pela ideia o aproveitamento das rique-
zas morais na diversidade inumerável das culturas africanas.

Também na própria expansão do Evangelho, sempre e
quase única, a preocupação de dar e ensinar e, muito ténue,
a de receber e aprender.

Foi pena, pois seria hoje mais rico em perfusão de Luz
o marco Evangélico.

Continua na página 4

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Procuramos ser voz dos sem voz. E procuramos dar a mão aos Pobres, à necessidade e urgência de cada um dos casos, hoje alguns deles tão difíceis!

É um «sinal dos tempos», sinal de que se está «construindo o Reino de Deus» — afirma um Bispo da Igreja portuguesa. Disse mais: «A atenção activa às situações de pobreza e de exclusão social pode parecer apenas problema dos movimentos vocacionados para o campo social. Mas não é assim».

E é bom que se diga isto, pois se já no meio rural a própria família-instituição em um ou outro lado se afasta da sua obrigação de sangue: não dando a mão aos seus mais seus...!

DESEMPREGO — Ela por lá andou com o homem. Agora, gera um segundo bebé. Regressaram vítimas do desemprego.

— *Vão demorar dois ou três meses a despachar o subsídio! Mas, como a gente temos de pagar a renda da casa, a mercearia... precisamos de um grande favor: que nos emprestem algum dinheiro para não passarmos fome.*

Interiormente, admirámos a delicadeza desta mulher, servindo-se do verbo *emprestar*...

PARTILHA — Os doentes pobres são preocupação constante dos nossos Leitores.

Assinante 57002, da Senhora da Hora:

«*Junto um cheque de 15.000\$00, minha pequena migalha do mês de Novembro que poderá ajudar a pagar a conta da farmácia, pois com a chegada do frio e da chuva as necessidades serão ainda maiores. Não é preciso agradecer. Eu é que estivo grata pela possibilidade que me dão de poder ajudar, por vosso intermédio, um nosso Irmão mais carenciado. Peço uma oração por mim e pelos meus familiares.*»

Anuncia a Boa Nova do Senhor Jesus: todo o homem é nosso Irmão!

Botámos agora a mão a um incurável com necessidade de sete medicamentos para viver, custando eles 29.802\$00. Que restaria do subsídio de doença deste indivíduo para alimentação do agregado familiar...?!

Mais cinco mil, da superiora dum instituto religioso sediado em Fátima. Remanescente de contas, com O GAIATO, destinado «aos Pobres mais necessitados e envergonhados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Quero ser anónima; não quero que me escrevam nem me agradeçam». Cumprimos o voto!

Dez mil, do assinante 9790, de Perosinho, Vila Nova de Gaia, seu óbolo mensal. Idem, da assinante 14493, «contribuição rela-

tiva ao mês de Novembro». Assinante 21319, de Guimarães, um vale de correio para várias intenções. Boas melhoras! Trinta mil, «para o que entenderem ser melhor. Há tanta necessidade!» — diz a assinante 9550, do Porto, que «não quer o seu nome publicado».

S. Domingos de Rana: «O resto de contas para as necessidades dos Pobres. Que esta pequena migalha, junto a outras de maior valor, sirva para a ceia de Natal de tantos que precisam. Sei que é pouco, mas a minha pensão de reforma não dá para tirar mais» — acentua a assinante 14802. Com a mesma intenção, «um pequeno contributo para as maiores necessidades daqueles a quem fazem bem. Será migalha que posso considerar a minha participação para a quadra natalícia» — acentua a assinante 60788, da cidade do Porto.

Fecha a coluna o assinante 17380, de Vila Real, com generosa oferta e muita amizade.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

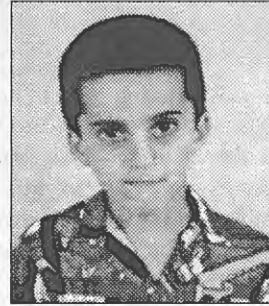
No dia 23 de Outubro celebrámos 110 anos do nascimento de Pai Américo. Com muita pena não pudemos fazê-lo como pretendíamos e deram-nos alguma esperança (seria em Coimbra uma Exposição sobre a sua vida e Obra). Faltou a colaboração pedida à Câmara Municipal desta cidade para a cedência de um espaço. Esperámos muito tempo, mas a resposta chegou tarde, não nos motivou nem convenceu. No entanto, já manifestámos por escrito o nosso desencanto e candidatámo-nos para os 111 anos. Consta-nos que poderá haver possibilidade de ocorrer mais cedo, mas a seu tempo daremos conta.

Estando a Câmara de Coimbra a aceitar sugestões para a implantação de estátuas na cidade e dado que isso já esteve em marcha há 10 anos, com tudo tratado e orientado, mas morreu a ideia, aproveitamos para lançar, de novo, a candidatura de Pai Américo.

Porém, no âmbito das comemorações que encimam esta notícia, fomos surpreendidos uma semana antes pelo convite da Figueira da Foz pedindo colaboração para a organização de uma Exposição no seu Museu Municipal, acompanhada de um Colóquio. Dentro das nossas limitações de tempo e de material, tudo fizemos para corresponder e, no dia indicado, a partir das 21 horas, estivemos com elementos da nossa Direcção naquele espaço, onde tudo já estava exposto por iniciativa das distintas funcionárias do Pelouro da Cultura, Dras. Graçília e Luísa, que tudo fizeram

RETALHOS DE VIDA

Tiago



Nasci no dia 9 de Abril de 1987 na freguesia de Paranhos, concelho do Porto. O meu nome é Tiago Fernando Ferreira de Sá.

Antes de vir para a Casa do Gaiato vivia com a minha mãe e os meus irmãos.

Tinha uma vida muito triste porque a minha mãe não nos dava de comer... e, por isso, eu ia às lojas gamar coisas...!

Um dia, o nosso Padre Carlos trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Gosto de cá estar porque estudo, já ando na quarta-classe; brinco com os amigos; como bem e faço pequenos trabalhos.

Quando for grande quero ser jogador do Benfica. Viva o Benfica!

Tiago de Sá

para que Pai Américo fosse lembrado naquele dia e naquela terra que sempre o acolheu tão bem e continua — para com a Obra. Pediram que os artigos expostos ficassem por quinze dias. Acedemos. Representámos a Obra como nos foi possível, tendo o Colóquio sido dirigido pelo Vereador do Pelouro Dr. Melo Biscaia que na apresentação realçou, com certa emoção, Pai Américo — como disse que gostava de o tratar — tendo sido também convidados alguns Organismos de solidariedade social, entre outros, Cercifoz, Cáritas Diocesana, Obras de Frei Gil e Padre Serra e ainda a Misericórdia da Figueira, a quem agradecemos a presença em tão gratificante acto.

Fomos presenteados com lembranças de presença, e ao mesmo tempo contactados para, no próximo ano, colaborarmos em data a fixar numa Exposição idêntica, talvez no Casino, por ocasião da reunião anual Rotária. Aguardamos e, para já, agradecemos o interesse manifestado.

Manuel dos Santos Machado

PAÇO DE SOUSA

FÉRIAS — O nosso Padre Carlos já regressou das suas merecidas férias. Quando chegou, deu a entender que estava com saudades nossas e de tudo o que tem a nossa Aldeia.

MAGUSTO — Como era de esperar, foi realizado o da nossa comunidade — um bom convívio! Assámos e comemos muitas castanhas e divertimo-nos com o carvão das fogueiras.

FUGITIVOS — Não é a primeira vez que fogem alguns rapazes. Mas há sempre

alguém que dá fé deles. Depois, voltam. Têm uma advertência e, na maior parte das vezes, percebem que fugir de nossa Casa não facilita o seu futuro.

Rui Manuel Silva

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Escrevo no dia da nossa festa de S. Martinho, onde a emoção do reencontro é notória. Rapazes que já não se viam há algum tempo, aproveitam para recordar tempos idos em nossa Casa e as peripécias, da altura, por entre água-pé e castanhas, sardinhas e couratos.

No início falou o «Cereja», presidente da Associação, explicando, aos ainda desconhecedores, os projectos da nova direcção e o trabalho já feito em poucos meses de actividade. — *O valor dos homens está nos actos que praticam, não no que dizem.* Deus nos ajude a concretizar o grande projecto a que nos propusemos: reunir todos os antigos gaiatos numa grande família onde eles e os seus se sintam em casa.

Aproveito e peço aos associados que nos lêem para enviarem os seus endereços e telefones para a seguinte morada: Associação da Comunidade «O Gaiato» — Av. Jaime Cortesão, 25 — 2910 Setúbal, a fim de actualizarmos os ficheiros e para vos contactar.

Por último, informamos que no dia 21 de Dezembro, cerca das 15 horas, se realiza a nossa festa de Natal, com um pequeno espectáculo, merenda e distribuição de prendas aos filhos até 12 anos. Necessita-

mos de saber quantos são, as suas idades e se rapazes ou raparigas (enviem para a morada acima referida). O espectáculo será feito com a «prata da casa». «Eles é que falam. Eles é que fazem os discursos e entretêm os ouvintes. Como eles ninguém» (Pai Américo).

Fernando Pinto

MALANJE

NOTÍCIAS FELIZES — A primeira: chegada de D. Maria Luísa, que deixou tudo para se entregar à nossa Obra.

Maravilhoso, seguir o Senhor na entrega total às crianças!

Não foi «à beira do lago» que o Senhor a chamou, mas perto duma estação onde passam muitos comboios... Dá no mesmo. Entrou num comboio até ao Porto; num avião até Luanda; e num jeep até Malanje.

Tudo simples quando na grande praia se põem os pés nas pegadas do Senhor!

Já cá encontrou a mana Maria que veio também com a intenção de servir e tem dado o seu melhor.

A segunda: As Irmãs Mercedárias, de Barcelona, vêm habitar em nossa Aldeia para nos ajudarem!

Suspirávamos por esta ajuda, há muito tempo, no sector escolar, na saúde e na formação cristã.

Com a presença das Irmãs poderemos melhorar o ensino, tapar a lacuna na formação cristã e dar melhor assistência no campo da saúde.

De facto, são duas notícias felizes!

Nunca, em nossa Casa, tivemos uma senhora permanente. Temos, agora, esta bênção de Deus. Graças a Ele!

Cronista X

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Aproxima-se o Natal, dia festivo do nascimento de Jesus. O sentimento familiar atinge um valor especial, de amor ao próximo. Nesta sociedade em que vivemos, de consumo materialista, os valores espirituais são reduzidos a pequenas coisas sem importância...

É bom que nesta quadra natalícia os cristãos nos debrucemos mais sobre os valores da família.

Que bom seria que reflectíssemos um pouco no nosso tempo de café ou de televisão,

meditando quantas famílias estão em abandono. Quantos divórcios, actos de violência e abortos se evitariam, se os valores humanos fossem mais respeitados pelo próprio homem. É verdade que o desaparecimento de famílias é uma das maiores causas de pobreza na nossa sociedade. Aumenta o número de idosos dependentes.

As famílias oferecem maior estabilidade e esperança em relação ao sofrimento e abandono das nossas crianças da Rua.

A esperança para as famílias pobres terem um melhor viver poderá ser oferecida por nós, cristãos, com um pouco de ajuda ao próximo. Que as famílias mais prósperas façam uma opção preferencial pelos pobres desamparados.

Que o poder local, a Igreja, os vicentinos e todos os que se dão ao Próximo, dêem as mãos a fim de que as famílias portuguesas mais necessitadas sejam mais famílias, na questão moral, e menos materialistas.

Que esta quadra natalícia nos traga uma luz de esperança para um Mundo melhor e menos miséria em todo o sentido. Que os nossos Pobres passem um bom Natal. Vamos lembrar-nos deles porque, como o Pai Américo dizia, «não se pode pregar a estômagos vazios».

O QUE NÓS RECEBEMOS — Anónimo com vale de 10.000\$. J. R. D., 2.000\$. Amigo João Pereira Silva, 2.000\$.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

TOJAL

CARAS NOVAS — Chegou mais um irmão para se juntar à nossa grande família. É o Malam Danso.

INAUGURAÇÃO — Depois da inauguração do novo bar foi comprado um assador, no qual já fizemos bons assados.

OVELHAS — Ultimamente têm nascido muitos cordeirinhos, especialmente enquanto pequeninos, são animais de que todos nós gostamos de observar.

NATAL — É algo já falado, cá em nossa Casa, desde os ensaios que têm avançado até aos murmúrios entre os rapazes das prendas que gostariam de ter.

Este ano, a nossa Casa estará bonita porque recebemos muitos enfeites, essencialmente árvores de Natal.

Arnaldo Santos

PENSAMENTO

Eu apaixonou-me pelo que digo; sinto e oiço a minha palavra; faço renda com linhas de Verdade.

PAI AMÉRICO



Ainda há muitas barracas para demolir!

Património dos Pobres

Bairros de Pobres ainda com muitas barracas e fome

É nossa inquietação o viver dos Pobres, sobretudo a habitação a que têm de estar sujeitos. Procuramos seguir o conselho e o testemunho de Pai Américo: —*Procuremos primeiro o remédio e só depois se ataque a doença. Construam-se casas e destruam-se barracas.*

Visitámos uma das cidades novas, a crescer à toa e encontramos ainda imensas barracas, embora já destruísssem algumas. Batemos à porta da humilde casinha posta ao serviço das Irmãs religiosas que procuram dedicar toda a sua vida à vida dos Pobres. Conversámos com as três que formam aquela comunidade e elas contaram-nos as suas angústias. Nessa mesma semana tinha chovido muito e aluviões d'água tinham destruído e inutilizado bastantes barracas. Seus habitantes tiveram de abandoná-las e recorreram às Irmãzinhas.

As Irmãs só têm, como receita, a reforma da mais antiga. Naqueles dias estavam sem nada e, à sua porta, batia muita gente aflita, especialmente mães com filhos ao colo. — *O Pai do Céu há-de valer-nos!*, desabafaram as Irmãs com cara de confiança.

Oásis de bondade e de confiança

No meio de tanta miséria encontramos este oásis de bondade e de confiança. Despedimo-nos com respeito e mais fortes com o seu testemunho de doação e confiança.

Seguimos para outra região longe dali. Parámos num grande bairro onde já demoliram muitas barracas. Dirigimo-nos à Comunidade religiosa que habita uma pobre casinha feita e oferecida pelos habitantes daquele bairro. Elas são também três: uma francesa e duas portuguesas. Uma trabalha a dias, outra ao mês e a terceira está em casa a atender quem as procura.

A porta mantém-se sempre aberta e a salinha sem-

pre ocupada. Quando chegámos estava a Irmã a dar lição a duas mães. Pouco depois chegou uma vizinha a entregar um frasquinho cheio de ofertas. Esta a sair e uma santomense desempregada a entrar e a querer desabafar.

Esta senhora, natural de São Tomé, e a trabalhar em Portugal já há anos, teve muitas saudades dos filhos que lá deixou e foi visitá-los. Como só tinha direito a um mês de férias e porque não apareceu a tempo, foi despedida. Ficou sem trabalho e veio contar à Irmã a sua situação angustiada. Na véspera estivera até à meia-noite à espera do dono duma empresa que não apareceu.

Entre na salinha ao lado onde está o Senhor presente no pequenino sacrário e recomendei-Lhe todas estas aflições. Deixei-lhes, a elas, uma pequena ajuda e saí. À porta encontrei um homem novo que também ia a entrar.

Regressei a casa mais uma vez maravilhado com o exemplo das Irmãs que oferecem as suas vidas ao Senhor servindo o mesmo Senhor presente nos Irmãos pobres.

Padre Horácio

Calvário

Continuação da página 1

Quando espreito o João a depor a comida na boca bem aberta do outro João, paralisado há vinte e quatro anos no leito, ou a Rosa a fazer o mesmo com a Tina, tão dependente, verifico que a Bondade é Pessoa e não apenas palavra ou sentimento.

Quando entro religiosamente nos quartos onde repousam alguns doentes, dormindo, constato que a Paz é dom possível e benéfico, que seres tão desprezados ou mal aproveitados, mas carinhosos, proporcionam a quem dela necessita.

Quando vejo alguns doentes varrer, limpar, arrumar ou alindar os cantos do Cal-

vário, torna-se-me evidente que o gosto pelo Belo, pelo Perfeito está no interior de cada um deles e surge nas tarefas que executam.

Raros investem com esta sementeira no coração do Homem. Mas é preciso semear a Verdade para que haja homens verdadeiros. É preciso espalhar a Bondade para que haja homens bons. É necessário cumprir a Justiça para que sejamos usufrutuários da Paz.

Os profetas da desgraça só vêm males e defeitos no mundo. Mas que semeiam eles? Desgraças. Alguns protagonistas dos vários meios de comunicação social são autênticos profetas da desgraça!

Semear o Bem, a Verdade, a Condição é tornar o nosso mundo um pouco melhor.

Em Cristo estes valores são Pessoa: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida».

Padre Baptista

ENCONTROS em Lisboa

Salas de espera dos hospitais

DEI comigo a fazer contas relativamente à ocupação do meu tempo. Deparei-me com esta situação: durante a semana, passei dezasseis horas nas salas de espera das consultas externas de três dos nossos hospitais a fim de serem consultados quatro miúdos. O tempo médio de espera, por miúdo, foi de quatro horas. O tempo médio de consulta não chegou a um quarto de hora. Isto significa que estive dezasseis horas à espera de ter menos de uma hora de tempo útil.

Estas esperas, não sendo nada agradáveis, não são de todo inúteis. Quantas vezes me dão a dimensão da vida de sofrimento e de solidão de muitos dos utentes destes serviços. Também se pode apalpar a insensibilidade dos serviços a que estas esperas dão direito. Com aquelas salas de espera tão grandes, prolongando-se pelos corredores ou então pelos pátios exteriores, sempre se vão ouvindo comentários, abafados, contidos, mas sempre marcados pelo sofrimento. Nestas coisas, quem mais sofre são aqueles que, por si, estão também debilitados. É o idoso que diz que se levantou às quatro da manhã para estar na consulta às oito e meia e é já meio dia e ainda não sabe quando será chamado. É a idosa que, na sala de espera desde as oito e meia, é informada às doze horas que não pode ter consulta hoje, e, não percebendo a razão de ser, se vai embora, arrastando os pés e olhando noutro sentido para as mulheres ainda novas: «Estimem os vossos maridos, a gente sem eles não é nada, andamos para aqui sem consideração de ninguém». É a mãe, de olheiras profundas, com o filho ao colo que pede a Deus que acabe o sofrimento porque já não consegue aguentar mais e se sente abafar naquela sala de estar ao fim de três horas de espera por uma palavra de esperança. É a criança doente que, farta da espera e com o sofrimento estampado no rosto, vai dizendo baixinho, numa chorada e contida cantilena: «Mãe, vamos embora daqui».

Posso dizer que as esperas nas «salas de espera» das consultas é um dos calvários que aceito, embora, no meu interior sinta que seria escusado tudo isto. Há dias, numa sala de espera aparecia um letreiro com um

grande agradecimento a uma determinada associação porque ajudou a «humanizar os serviços». Achei que era uma gracinha porque ali havia gente por tudo quanto era sítio. Às nove horas a sala e corredores estavam a abarrotar, no entanto, as chamadas para as consultas começaram depois das dez. Creio que a melhor humanização seria não estarmos tanto tempo à espera.

Tenho apreciado a capacidade de paciência de muito pessoal administrativo e auxiliar, durante estas esperas. Sinto-me mal, quando, como aconteceu esta semana, uma administrativa foi tratada por uma doente em sala de espera com os melhores mimos do nosso vocabulário foleiro e com insinuações de corrupção e de untar de mãos, quando, na verdade, não era a senhora administrativa que fazia a consulta, mas alguém que chegou três horas depois da pessoa a ser consultada ali estar. Nem sempre quem dá a cara é o culpado da situação.

O ambiente que se vive nestas salas de espera não é bom para ninguém. Não seria possível organizar os serviços doutra maneira? Passei vários anos num país onde as salas de espera davam para pouco mais de cinco pessoas. Creio que o máximo de espera que ali tive foi de quinze minutos, com direito a pedirem-me desculpa... Também me aconteceu perder o direito de uma consulta porque cheguei dez minutos atrasado... Em Portugal estamos a fazer um enorme investimento em salas de espera e pouco em humanidade e sensibilidade à dor por quem de direito!...

Creio que poderíamos ter uma maior humanização dos cuidados de saúde na área das consultas se houvesse cuidados tão simples como estes: não marcar toda a gente para a mesma hora, mas, dentro de uma média por consulta, fosse estabelecido uma marcação mais escalonada no tempo. Se são dez consultas, porque é que têm que estar todos às oito e meia, se os médicos só começam depois das dez e meia? Creio que muito sofrimento, nervos e tempo perdido se evitaria com uma simples alteração deste processo. Creio que isto até nem exigia qualquer investimento, mas se ganharia muito em humanização. Gostaria de ver e sentir...

Padre Manuel Cristóvão

TRIBUNA DE COIMBRA

Senhora do Advento

O Advento aí está, de novo. Surge na cor do tempo e passa à liturgia em tons carregados de beleza e de sobriedade. É o Outono. Essa enorme sugestão cíclica da vida mundana. São vivências passadas que emergem à consciência estabelecendo relações significativas. É também a confrontação misteriosa com o carácter provisório de tudo e, particularmente, de cada um. É ainda a projecção no Além de um acenar ao misterioso.

E a liturgia vai ao encontro desta corrente sugerindo a passo seguro a virtude da paciência. Não! Não se trata do «não te rales» nem da passividade estéril, como suspeitas.

Estão aí os «Majores» na fé, imortais por causa dela, a testemunhá-la como garantia e êxito na vida presente e futura: «Sede pacientes na tribulação...», recorda o grande Apóstolo Paulo aos recém-convertidos da cultura idólatra do imediatismo.

É esse imediatismo reminescente em tantos comportamentos actuais que mina, debilita e destrói as defesas desta enorme virtude. Queimam-se etapas fundamentais na vida. De tal modo que quem chega ao fim leva na alma o sabor amargo da desilusão e do tédio.

Maria é Mestra das lições vitais do Advento. A sua paciente e original expectativa de Cristo conferiu-lhe, mercedamente, esse grau singular. Passa para a história de todos os tempos a sua experiência única.

Para nós, pobres mortais, nada mais resta, senão, escutar do seu exemplo incomparável, como isso se faz.

Faz falta essa paragem; esse stop. Essa espécie de cautela. O tempo que surge é de forte imediatismo.

Senhora do Advento que a paciente esperança de Cristo nos traga, antes de tudo, o Vosso dom maravilhoso do acolhimento fraterno de todos. Das crianças sem família capaz; das centenas que se abrigam ao frio, nas grandes cidades, sem tecto que as defenda; das que são vítimas da maldade dos homens e dos horrores da guerra.

Hajam mais presentes iguais ao Vosso. Multiplique-se na terra, como estrelas no firmamento, esse dom verdadeiro que nos distingue e nos assemelha ao Infinito.

Padre João

NOTAS DO TEMPO

O mundo é pródigo em ambi-
güidades que são sempre
um mal quer como *caldo de cul-
tura* de intenções mal-sãs, quer
porque produzem um ambiente,
também ele mal-são, que afecta
sobretudo os mais simples, os
mais frágeis e entre estes, as
crianças e os jovens, natural-
mente imaturos e ainda não pro-
vidos de *resistências* a estas
espécies de *vírus*.

Este discorrer do pensamento
surgiu do Evangelho de hoje, dia
de Cristo Rei, com o soberbo
diálogo entre Pilatos e Jesus, no
Pretório onde um juiz convicto
da inocência do Réu que lhe
apresentavam, mas sem firmeza
para pôr a verdade e a justiça no
seu lugar, sucumbiria à onda dos
mal-intencionados, entregando-
o, «de mãos lavadas», à con-
denação.

Desde o princípio o «Filho do
Homem» foi perseguido por
causa da condição real em que
os Profetas O anunciaram, e
agora os Magos, que, passando
pela Corte de Herodes «o fize-
ram estremecer e a toda a Jerusa-
lém com ele» pelo ciúme e
receio deste Rei, não fosse Ele
destronar o rei. O exílio no

Egipto foi o primeiro preço pago
por «ter nascido Rei, para isso
ter vindo ao mundo».

No fim da Sua vida mortal,
desiludido o povo de uma rea-
leza que «não é deste mundo»
nem, como se sonhava e queria,
para este mundo, é levado a
Pilatos pelos chefes do povo e
acusado de conspirar contra o
Imperador: «Ele diz-Se Rei dos
judeus». Disse. Era a verdade. E
Ele «veio para dar testemunho
da Verdade».

Mais alto preço, agora, irá
Jesus pagar pela Sua condição
real. Mas era esse o desígnio de
Deus: Entronizá-IO no alto de
uma Cruz de onde Ele iria cha-
mar a Si, pelo tempo em fora,
«todo aquele que é da Verdade».

AUTORIDADE — eis um
conceito fundamental para
cada homem e, mais, para os
homens em sociedade, afectado
por grave crise.

Rei não é aquele que domina,
mas o que rege. Rege para uma
ordenação de comportamentos
que leva à harmonia do con-
junto, ao Bem Comum. Rege,
começando por si mesmo, atento
aos valores que importa fomen-

tar e defender dos desvios pos-
síveis — sejamos conscientes e
sinceros — sempre tão fáceis de
acontecer.

A Autoridade nasce no íntimo
do homem e brota dele natural-
mente como à inspiração se
sucede a expiração. Manifesta-se
pela tranquilidade e segurança
da sua postura perante si e os
outros — a qual não é totalmente
fruto da espontaneidade para o
Bem que há no homem, mas
supõe uma conquista porque se
luta incessantemente a partir de e
com este dinamismo de base. E
só assim um homem adquire e se
torna Autoridade no meio de
outros — que ela não é mero
revestimento, insígnia que se
ostenta, toga de juiz ou para-
mento religioso para os actos
solenes.

Jesus e Pilatos, neste diálogo
soberbo, aparecem como figuras
exemplares da Autoridade e da
não-Autoridade. E é o que de si-
mesmo a não tem, que está in-
vestido nela e em nome dela se
arroga o poder de decisões que
marcam homens, marcam até a
História da Humanidade: «Não
sabes que tenho poder para Te
soltar e poder para Te condenar?»

Os príncipes dos sacerdotes, a
autoridade em Israel, esses não
desarmam: «Se O libertas, não
és amigo de César; todo aquele
que se faz rei é contra César»
(...) e «nós não temos outro rei
senão César». Mentirosos
jogando na ambigüidade! E Pila-
tos capitula: «Então entrega-O
para ser crucificado».

É assim a *autoridade* entre os
homens: uma convenção, um
artifício, pelo qual são revestidos
e investidos tantos que de-si a
não têm — seres sem ter, *autori-
dades* vazias de Autoridade.

OS simples, os mais frágeis e,
entre estes, as crianças e
os jovens serão ainda os que
guardam mais viva, mais pura, a
intuição da Autoridade. Eles
entendem e aceitam e querem ao
Rei que rege, que «está para ser-
vir, não para servir-se ou ser ser-
vido». Porém é tão difícil encon-
trar este Rei mesmo com uma

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês
de Novembro
69.200 exemplares.

candeia acesa ao sol do meio-
dia!

Por isso a juventude se desvia
e trilha caminhos de risco, de
perdição — e é mal-sinada!
Mas ela não é a causa; é o efeito.
Falta-lhe Autoridade; sobram-
-lhe *autoridades* a quem está
entregue o poder de libertar e
de crucificar.

E tudo acaba quase sempre em
crucificação.

Padre Carlos

PASSO A PASSO

Continuação da página 1

Gostaria que o pão tivesse
forma de coração. Talvez assim
entendêssemos melhor, na azá-
fama diária dos habitantes da
cidade, que esta poderia ser o brin-
quedo tão procurado. Onde cada
um se encontra, olhando os outros.
E seria testemunho acusador do
crime tantas vezes cometido —
estragar o pão que nasceu para ali-
mentar e não para morrer nos con-
teutores do lixo.

A vida está aí, à mão. Estende a
tua e acolhe-a.

Padre Júlio

DOCTRINA

Nunca mudei
de tecla
e há dez anos
que sou tocador



SE a gente fosse capaz de medir toda a
amargura que vai no coração do
pai-de-família nos dias de pagamento,
quando ele é insuficiente para as des-
pesas da casa...! Em fim-de-semana ou
mês, de Inverno fechado, buscar o desân-
imo onde devia encontrar alento; a
fome, em lugar de pão! Assim eu, no fim
do mês de Outubro. Não chegou a meia
missa, que são muitos os filhos a pedir
pão.

MAIS o produto de um peditório
feito no Campo de Santa Cruz
durante um jogo da bola, o qual pro-
duto, dizem os jornais, ter subido a
mil e quês escudos. Foi um rasgo espon-
tâneo de homens da cidade que assim
deliberaram a favor da Obra da Rua.
Eu soube-o pelo Jacinto que andava
na Baixa a vender o Poney e me levou
pela mão a uma das montras: — *Olhe
ali a nossa Casa!* Era um cartaz a dar
a notícia. Gostei. A Obra mostra,
assim, não ser minba, como dizem os
teimosos, mas sim de Coimbra. Vinte e
quatro rapazes do Lar do Ex-Pupilo,
ontem de ninguém e hoje de alguém,
hão-de necessariamente ser vistos por
muito que se escondam. Os reclusos
que se compram e que se procuram
tanto como a erva dos telhados!

MAIS um pacote de roupas de
homem, de Santarém. Dobradas
a ferro quente, sem costuras nem remen-

dos (temos ali dedo de Mulher). — *Ai
que quentinho que eu ando!* — dizia-me
um dos pupilos. Este rapaz esteve dois
dias na Casa do Gaiato e veio de lá com
pena de ser tão pouco: — *Eu nunca
conheci nem nunca vivi em Família; e
ele é tão doce!* O pacote de Santarém,
pelo que trazia dentro, era uma resposta
ao apelo feito aqui. Alguns dos meus
filhos frequentam cursos nocturnos da
Escola Brotero. Vem lá o Inverno e eu
não tenho nada com que os possa defen-
der do tempo... Do caminho das fábricas
não tenho medo; é de dia. Porém, da
Escola, tenho; é de noite. A chuva mai-lo
frio são pardos. Anda; são meus filhos.
Não me fica tão mal a mim o pedir como
a ti, tendo, não dares.

UM dos da Escola nocturna entrou,
há dias, no meu quarto, na
maré da saída: — *Olhe, vou assim. Era
uma blusa de ganga, nada que se bata
com o frio que já faz. Dá, que o
Senhor dá-te mais. E a mim, o mesmo
Senhor dá-me o frio que castiga os
Humildes e a força de te pedir que me
ajudes a cobri-los.*

Ecobertores? Tenho um miúdo na
Casa do Gaiato com seis anos de
idade e pernas de bambu. São onze. A
mãe morreu, há tempos, do parto do der-
radeiro. Nem lençóis tinha na cama! As
vizinhas, tão pobres como eles, pediram
um para mortalha! Não é a primeira vez
que no mundo se pedem lençóis para
mortalha: «Pedro entrou no sepulcro e
viu os lençóis postos no chão!» Foram
pedidos, que o Mestre não tinha nada.
Oh, quem me dera morrer tão pobre que
a minha mortalha haja de ser mendigada!

P. Amín. 5.

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

SETÚBAL

Apetece-me mais o silêncio do que a comunicação

ENQUANTO os rapa-
zes assam as casta-
nhas, a batata doce,
os couratos e o peixe para o
magusto, eu entro no escri-
tório a redigir algumas
linhas para dizer aos nossos
Amigos que estamos vivos
e com relativa saúde.

Apetecia recolher-me,
mas não posso. A activi-
dade do dia não permite, a
irrequietude natural dos
rapazes e as solicitações dos
que nos procuram continua-
mente são obstáculo lógico
à meditação.

As obras, em nossa Casa,
e a maneira pobre como as
fazemos, têm sido obstáculo
à concentração e à escrita.
Até o correio obrigatório
tem sofrido.

De qualquer forma devo
confessar que me apetece
mais o silêncio que a comu-
nicação. Silenciar também é
transmitir sofrimento, inca-
pacidade e denúncia, sobre-
tudo quando a gente vive o
dia-a-dia com a garra que
ele exige e carrega, no ter-
reno, o tormento dos Pobres
com gratuidade e amor.

Tem vindo às quintas-fei-
ras um grupo muito jeitoso
de senhoras ajudar na pre-

paração da roupa. Não nos
tem faltado o dinheiro
necessário ao pagamento
das despesas diárias e
extraordinárias, mas senti-
mos em Casa falta de pes-
soas — homens e mulheres
— que à maneira de Pai
Américo queiram seguir
Jesus: dar a sua vida aos
filhos dos Pobres e fazer
deles seus filhos e familia-
res, sem votos nem estru-
ras, mas com devoção reno-
vada continuamente ao
Deus que neles habita e
sofre.

O render da guarda está
próximo para nós. O can-
saço, o peso dos trabalhos e
dos anos e as limitações que
o desgaste acarreta, avisam-
-nos da sua chegada.

Eu preciso de um padre
novo e pobre, humilde e
acolhedor, amante de Deus
e dos Pobres, desprendido
de si e dos seus, confiante
na Providência e na Miseri-
córdia do Pai com quem
quero partilhar a Herança
que Deus me deu.

O Lar na cidade, de onde
me vi obrigado a retirar os
rapazes das oficinas e os do
10.º, 11.º e 12.º anos esco-
lares exactamente por falta

de mãe com saúde e ener-
gia, necessita urgentemente
de uma mulher com capaci-
dade maternal, afectiva e o
ideal de doação verdadeira
de se dar a Deus na aven-
tura a que o Senhor nos
convida.

A Igreja enche-se de ini-
ciativas teóricas. Como
seria bom que analisasse o
que fazemos no concreto,
todos os dias, e animasse os
seus membros para a doa-
ção plena num desafio
como é a Obra do Padre
Américo.

Se, ao menos, visse pers-
pectivas reais de futuro para
as Casas do Gaiato sentiria
ser esse o grande milagre de
Pai Américo no Céu, exi-
gido, como diz o Padre
Carlos, pela Igreja para a
sua beatificação.

As preocupações com a
continuidade das Casas do
Gaiato em Portugal e em
África devem ser razão
perene e persistente da
nossa oração a Deus, dado
que elas continuam a ser a
única palavra nova que se
levanta em Portugal e em
África para os filhos da
Rua.

Padre Acílio